

O DESAFIO DE DÉCADAS CONTINUA: UMA ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO FEMININA NO RADIOJORNALISMO DE BLUMENAU

Tamara Carolina Schweder¹

Eumar Francisco Silva²

RESUMO

O presente artigo se interessa pela realidade local do radiojornalismo, buscando compreender o motivo que tem feito as mulheres serem minoria nas principais rádios que possuem programação jornalística. Observa-se que as mulheres são maioria em outros meios de comunicação como assessoria de imprensa e televisão, mas no rádio ainda o jornalismo se mostra masculino. Identificando essa realidade, se faz necessário constatar se a mulher vem sofrendo algum tipo de preconceito, ou enfrentado algum impedimento ao tentar ingressar no radiojornalismo de Blumenau. Para a realização dessa análise sobre a comunicação local e a atuação das mulheres, foi realizado um estudo de caso usando a técnica de entrevistas em profundidade e análise documental. A partir desse levantamento, salienta-se a necessidade de buscar meios para atrair mais mulheres jornalistas para o rádio, deixando este veículo de ser predominantemente masculino conforme mostra a história.

Palavras-chave: Radiojornalismo, Mulheres, Blumenau, Comunicação.

ABSTRACT

This article is interested in the local reality of radiojournalism, trying to understand the reason that has made women a minority in the main radio stations that have journalistic programming. It is observed that women are majority in other means of communication such as press and television advisory, but the radio journalism still shows predominantly males in Blumenau. Identifying this reality, it is necessary to verify if the women have been suffering some type of prejudice, or facing some impediment when trying to enter the radiojournalism. In order to carry out this analysis on local communication and women's performances, a study of case was conducted using the technique of in-depth interviews and documentary analysis. From this survey, the need to seek ways to attract more women journalists to the radio is emphasized, leaving this vehicle to be predominantly male as the history shows.

Keywords: Radiojournalism, Women, Blumenau, Communication

1 Graduanda do Curso de Jornalismo da Faculdade Sociesc de Blumenau. - tamara.contavan@gmail.com.

2 Professor do curso de Jornalismo. - eumar.silva@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O rádio tem sido um velho companheiro de milhões de pessoas no Brasil há 95 anos, levando até cada indivíduo, seja em casa, no trabalho, no seu automóvel ou no transporte coletivo uma programação musical de entretenimento, jornalística, e até na área de prestação de serviço, que tem sido muito útil ao longo das décadas para as famílias. A primeira emissora de rádio chamada Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, surgiu no ano de 1923 com a insistência de Roquette Pinto, médico e professor. Porém, no ano anterior, quando se comemorava o centenário da Independência, aconteceria a primeira transmissão oficial de rádio no Brasil. Ao longo do tempo o rádio tem buscado evoluir, especialmente diante dos desafios levantados pela tecnologia e a internet.

Diferentemente do que achava-se, o rádio não morreu com o surgimento da TV aberta, a cabo e nem a internet, pelo contrário, ele vem mostrando sua força e credibilidade. Além de oferecer uma programação variada e que alegra os lares dos brasileiros por meio de locutores e locutoras das rádios AMs e FMs, sabe-se da importância de termos profissionais competentes e bem preparados para os microfones na área do jornalismo, pois isso garante a credibilidade do trabalho. No entanto, preparo e competência não são qualidades definidas por gênero. Homens e mulheres podem impressionar com tamanha habilidade quando se aperfeiçoam para isso. Porém, a história mostra que o preconceito com a voz feminina fez com que a mulher adentrasse no meio rádio mais tarde como formadora de opinião.

No início da história do rádio sabe-se que era muito valorizado a voz masculina, e o tom grave. A primeira mulher a falar no rádio, a americana Mary Marvin Breckinridge Patterson, era orientada a gravar os textos empostando a voz, ou seja, tornando-a mais grave. (*TOMÉ, 2008, p. 38*). No jornalismo a falta de vozes femininas como âncoras e repórteres é acentuada. Embora tenha se notado nos últimos anos o crescimento no número de locutoras, poucas mulheres tem atuação no radiojornalismo. Em Blumenau é facilmente visível a incompatibilidade no número de homens e mulheres atuando nesse departamento, e existem emissoras que não tem sequer uma exercendo funções neste segmento.

Tendo a autora desta pesquisa atuado seis anos em rádios da cidade de Blumenau, e observado a realidade local, justifica-se a necessidade de realizar um estudo de caso para conhecer quem são as mulheres que trabalham no jornalismo das principais rádios AM e FM, e analisar o motivo pelo qual elas mesmo tendo uma importante participação no rádio, ainda são minoria nas redações. O presente trabalho busca compreender se a mulher sofre algum tipo de impeditivo ao tentar ingressar no radiojornalismo blumenauense, inspirado pelo pensamento machista que influencia em vários aspectos nossa sociedade. Para tanto buscou-se resgatar a história do rádio em Blumenau, do radiojornalismo no Brasil, conhecer o mercado de trabalho e a inserção das mulheres e analisar o que diz as questões de gênero. No desenvolvimento deste artigo foi realizado um estudo de caso com o aproveitamento de entrevistas de profundidade com pessoas que viveram a realidade das rádios e que puderam assinalar causas que

tornam o radiojornalismo predominantemente masculino também localmente.

2. O RADIOJORNALISMO

Ao fazer um resgate de como iniciou o radiojornalismo no Brasil, nota-se que a presença de mulheres é escassa. Michele Tomé, em *Jogos de Poder: as estratégias de comunicação de mulheres e homens no rádio (2008)* mostra que “a mulher surge na história do radiojornalismo mundial no período das duas Grandes Guerras”. Em sua pesquisa ela ressalta que “desde a época do início do rádio, as vozes femininas eram consideradas não convincentes e sem autoridade”, de acordo com a afirmação da pesquisadora e fonoaudióloga Cida Stier (2001).

O começo das transmissões de rádio excluiu as mulheres. O jornalista Milton Jung (2004) relembra que

microfones, transmissores e receptores de baixa qualidade decretaram o rádio território exclusivo dos homens de boa voz. Nos primeiros anos, era preciso ser bom de gogó para trabalhar como radialista. A fala competia com chiados e descargas elétricas. Apenas o tom mais grave atendia às necessidades do público (pp. 118-119).

Uma mulher que merece destaque na história do radiojornalismo mundial é Mary Marvin Breckinridge Patterson que é considerada a primeira voz feminina no mundo a falar no rádio, durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo a pesquisa da fonoaudióloga Stier, “no momento da sua primeira gravação, ela recebeu de seu chefe a orientação para que falasse com voz grave” (p. 183). Depois da guerra poucas mulheres conseguiram manter seus empregos e mesmo depois de elas conseguirem espaço em televisão, elas precisavam seguir um padrão de voz masculina, intitulada “séria”.

A história do radiojornalismo em Blumenau mostra que se compararmos a quantidade de homens que já atuaram e que estão atuando nesse segmento nas emissoras da cidade com o número de mulheres o número é bem desproporcional. Fazendo um resgate da história vamos compreender que se trata de um contexto nacional e que ainda é um desafio nos dias atuais. Essa escassez de mulheres nas redações de jornalismo e na apresentação de programas jornalísticos se dá por vários aspectos. Vale observar que só a partir da década de 70 foi que a imprensa começou a abrir espaço para as jornalistas. Bruna Provenzano em, “A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul (2009), relembra que, “a partir da regulamentação da profissão em 1969, surgiram no Brasil os primeiros cursos voltados para a formação acadêmica de jornalistas”. A partir daí aumentou consideravelmente o número de mulheres nas redações e não foi um fenômeno específico do meio jornalístico e de comunicação, mas acompanhou uma tendência geral observada em todo o país.” (ABREU, 2006, p.9).

O diretor da Rádio Nereu Ramos, Paulo Vieira disse, em entrevista no dia 27

de outubro de 2017, disse que a emissora começou a investir estrategicamente em jornalismo na década de 90, mas hoje não tem nenhuma mulher na sua equipe: “Historicamente, o radiojornalismo sempre teve a predominância masculina, por ser uma atividade que se identificava mais facilmente, com a locução grave masculina, atividade de rua (reportagens) em ambientes mais hostil”. Segundo ele, as mulheres também se identificam com o rádio, porém é mais recente.

Mas será que homens e mulheres influenciam o ouvinte de forma diferente por meio da linguagem, ou na forma de comunicarem? Teria esse fator deixado a mulher jornalista mais afastada dos microfones nas últimas décadas? Arnaldo Zimmermann³, radialista desde 1985 e mestre em Jornalismo diz que um ponto importante a ser analisado é a facilidade com que a figura masculina normalmente apresenta um certo ar de “malandragem” (malandragem positiva) na condução de um programa de rádio, enquanto as mulheres tendem a ser mais organizadas, corretas e lineares. Maria Inês Detsi de Andrade Santos, em um estudo das representações sociais de gênero no rádio, mostra que:

Quando o locutor fala aos ouvintes, ele exerce um poder que lhe é conferido socialmente, apresentando, através da sua fala, pontos de vista de classe, sexo, idade, etnia, etc., utilizando-se de discursos produzidos por contextos estruturados desigualmente e permeados por relações de poder (SANTOS, 2004, p. 169).

Zimmermann acrescenta que o rádio é um veículo de improviso, de mudanças constantes de rumo nos acontecimentos e na programação, então, historicamente a maior parte dos homens talvez tenha desenvolvido esse traquejo do «vivo» no rádio com mais facilidade. “Claro, muito pela herança cultural, o que tende a mudar gradualmente, com as mulheres desempenhando outros papéis sociais. Na TV é diferente”. O mestre em Jornalismo observa que na TV as mulheres já dominam, porque na tela do vídeo depende muito mais de simpatia, empatia, expressão facial, etc. do que necessariamente improviso na palavra falada. Mas em nível nacional, já há muito mais mulheres com o desempenho equilibrado com os homens no rádio. “Mulher tem uma disciplina, uma concentração, um método que facilita o trabalho, que na televisão não termina nunca. É o tempo todo produzindo informação” (HABIB, 2005, p. 253).

Durante o programa “Observatório da imprensa” na Rádio TVE Brasil no dia Internacional da Mulher (8 de março) no ano de 2005, Mariza Tavares, diretora executiva da Rede CBN, rede de emissoras que tem uma participação considerável de mulheres, inclusive em Blumenau, falou sobre o trabalho da mulher no rádio. Ela disse aos ouvintes:

A voz é importante no rádio, mas eu diria que a CBN quebrou um pouco esse tipo de afirmação como sendo uma verdade absoluta. A grande vedete é a notícia, a informação. As pessoas ficam achando que a voz da mulher no rádio seria sussurrante, até uma coisa que despertaria a emoção dos ouvintes. Não precisa ser necessariamente assim, o importante é que ela

3 Entrevista concedida no dia 6 de novembro de 2017

passa credibilidade. (...) ainda há muita desigualdade a ser vencida. A gente avançou muito no Rio e em São Paulo, mas fora daqui as mulheres ainda têm que brigar muito. E o que eu sugiro é que elas nunca se coloquem no papel de mulherzinha e façam valer a sua qualidade de trabalho.

(TAVARES, 2005, p. 17)

Blumenau é uma cidade brasileira que por mais que seja considerada pioneira na comunicação, nota-se a necessidade de se avançar no que diz respeito a ocupação de mulheres no radiojornalismo. Até na década de 90 a cidade não tinha faculdade de jornalismo. O primeiro curso superior na área foi ofertado no ano de 2000 pela Faculdade IBES (Instituto Blumenauense de Ensino Superior) hoje, Faculdade Sociesc Blumenau. O ex-diretor da instituição Anselmo Medeiros⁴ relembra que “assim como Blumenau era pioneira na área da comunicação, o sonho da administração era que a faculdade Ibes fosse também pioneira em formar os jornalistas na nossa cidade que, em boa parte não possuíam formação ou buscavam o diploma estudando na cidade de Itajaí, na Univali”.

Dados divulgados pelo departamento financeiro da Faculdade Sociesc Blumenau mostram que desde que o curso de Jornalismo passou a ser ofertado na cidade em 2000 até o primeiro semestre de 2017, 186 acadêmicos se matricularam no curso, sendo 122 mulheres e 64 homens. Isso demonstra o maior interesse da mulher pela formação acadêmica. Já na FURB, outra universidade que oferta desde 2014 o curso de graduação em Jornalismo, dos 67 ingressos, 38 eram mulheres e 29 eram homens. Os dados nos mostram que as mulheres foram as que mais procuraram a formação em nível superior em jornalismo em Blumenau.

Segundo autoras como Rosemberg (apud Guimarães, 2003), Bruschini e Puppini (2004) e Sorj et al (2007), o aumento da escolaridade contribuiu para um aguçar do interesse das mulheres em adentrar o mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que ampliou a possibilidade delas assumirem atividades mais qualificadas.

3. A MULHER NA HISTÓRIA DO RÁDIO BLUMENAUENSE

Blumenau é pioneira na área de comunicação no estado de Santa Catarina, como vários trabalhos acadêmicos e livros mostram, e não é diferente com relação ao rádio. Segundo a diretora de Patrimônio Histórico e Museológico da Fundação Cultural de Blumenau, Sueli Petry⁵, “a primeira irradiação do rádio em Blumenau foi oficialmente inaugurada em 18 de março de 1935. É considerada a primeira emissora de radiodifusão de Santa Catarina. Entrou no ar com um transmissor Philips de 500 wats”. Segundo a historiadora, os primeiros ensaios para lançar as bases do rádio em Blumenau começou através de um alto-falante em 1929, instalado pelo radioamador João Medeiros Júnior.

Considerada hoje a primeira emissora de Santa Catarina, e a quarta do Brasil, a antiga PRC-4, Rádio Clube de Blumenau, hoje, Rádio Clube de Blumenau 1330 AM,

⁴ Entrevista concedida no dia 6 de novembro de 2017.

⁵ Entrevista concedida no dia 1º de novembro de 2017.

foi fundada na cidade em 1932, mas os seus preparativos iniciaram em 1929, segundo o Cientista Social e Pesquisador da História Adalberto Day⁶, “dentro da Empresa Industrial Garcia”. Ele afirma que João Medeiros Junior vindo de Florianópolis, era diretor da companhia que foi incorporada à Artex em 1974, e hoje conhecemos como Coteminas. A historiadora Sueli Petry conta que “João Medeiros era radioamador muito apaixonado pela radio-difusão. Ele possuía um transmissor de alta potência com o qual comunicava-se com os mais longínquos pontos do mundo”. Segundo Adalberto Day inicialmente, João Medeiros Júnior tocava músicas, e posteriormente começou a transmitir jogos de futebol dentro do campo do Amazonas Esporte Clube, que é considerado o primeiro clube de futebol de Blumenau.

A Rádio Clube, que hoje tem 85 anos, iniciou com o nome de Rádio Cultura, depois mudou para PRC-4 Rádio Clube de Blumenau. Adalberto lembra que “a programação começava às 8h30, se estendendo até o período noturno, por volta das 23h”. Resgatando arquivos históricos em Blumenau, Atalá Branco é considerada a primeira locutora que apresentava um programa chamado Peça sua Música em 1929. Depois de Atalá Branco a segunda mulher que aparece ocupando os microfones em Blumenau, segundo Adalberto Day, é Valmira Siemann, que iniciou no rádio na década de 60 na Rádio Difusora Vale do Itajaí, uma das emissoras Coligadas de Santa Catarina. Ao receber o convite do então gerente da emissora na época, Altair Carlos Pimpão, Valmira começou a apresentar um programa musical chamado “Rádio Sequência”.

O primeiro programa que envolvia jornalismo conduzido por uma mulher em Blumenau também se dá na voz de Valmira, quando ela começa a apresentar o “Revista do Rádio” que permaneceu no ar por várias décadas. A radialista que chegou a ganhar o título de “Rainha do Rádio” por vários anos seguidos, lembra que seu programa era de variedades, voltado também para o jornalismo, e que na época em que iniciou no rádio havia só mais uma profissional atuando que era Geni Lino Barbieri, que atuava na Rádio Nereu Ramos. Kely Rodrigues, em *A Voz Feminina no Rádio: um estudo sobre a atuação da mulher no rádio de Blumenau (2013)* relembra que em 1981, Valmira Siemann passou a integrar a equipe da Rádio Blumenau, onde permaneceu até o ano de 1987. Na época ela era conhecida artisticamente como Lígia Lyon. Deixou os microfones no mesmo ano, mas em 1969 fez história também na TV Coligadas com o programa Mulheres e Vanguarda até o ano de 1979. Foi a primeira mulher a apresentar o Jornal Hoje em Santa Catarina e, na TV Galega, comandou o programa Variedades e Entrevistas (REIS. 2007, p.15).

Ainda segundo o levantamento feito por Kely Rodrigues, “além de Valmira, Altair Pimpão⁷, diretor da TV Galega de Blumenau e gerente da Rádio Difusora na época, também afirmou que uma mulher, conhecida como Guérda (já falecida), apresentava um programa semanal em alemão, com músicas alemãs, na Rádio Clube AM”. Ele revelou ainda que a Rádio Nereu Ramos AM, também já havia cedido espaço para outra mulher: Mercí Bernardes, que atuava desde 1958 com dedicatórias de música para namorados, aniversariantes e casamentos.

6 Entrevista concedida no dia 25 de setembro de 2017.

7 Entrevista concedida no dia 5 de agosto de 2017.

Na época era muito comum a mulher apresentar radionovelas e apresentações musicais na emissora, mas a atuação feminina especificamente no radiojornalismo é mais recente. Durante a pesquisa nota-se a escassez de nomes citados pelos entrevistados de mulheres que tenham atuado nas rádios de Blumenau no gênero jornalístico, que segundo André Barbosa Filho é um instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos, por meio de nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, rônica e radiojornal. (Barbosa Filho, p. 89). Referenciar.

Kely Rodrigues mostrou que ao longo dos anos, várias mulheres sentiram dificuldades ao tentarem ingressar no rádio, conhecido historicamente como um veículo machista. O rádio especialmente em Blumenau, se mostra desde o seu surgimento como um veículo predominantemente masculino, mas que foi marcado pela presença feminina que superou as dificuldades encontradas para vencer o preconceito machista. Segundo o diretor Rádio CBN Vale do Itajaí, emissora integrante da Rede Fronteira de Comunicação, Carlos Alberto Ross⁸, “atualmente, diferentemente do passado, o rádio não é machista, pois especialmente o radiojornalismo de Blumenau está se mesclando em várias funções”.

Por outro lado, Lemos e Bandeira (2011, p. 04) relatam que ainda é evidente que a voz masculina é maioria na apresentação de programas radiofônicos no país, o que poderia estar ligado ao fato de as emissoras de rádio destinarem a maior parte da programação às donas de casa e estas terem preferência pelas vozes masculinas possuidoras de tons mais graves que, de acordo com Balsebre (1994, p. 331), despertam a sensação de maior presença e proximidade. Mas será que esse é o motivo pelo qual temos também poucas mulheres jornalistas atuando no rádio em Blumenau?

Segundo Magali Moser, jornalista e doutoranda em Jornalismo, em várias outras emissoras de Blumenau e região, parece ainda permanecer a velha forma, com o domínio de vozes masculinas, brancas e predominantemente – querendo aparecer – como heterossexuais. Ela que já atuou na Rádio CBN por cinco anos, fala sobre sua análise local⁹:

A comunicação no Brasil e no Vale do Itajaí tem se demonstrado demorada e até mesmo atrasada na aceitação de diversidade, da multiplicidade e nas várias possibilidades de se ser gente e ver-se humano e, assim, acabam forçando um estereótipo no como se quer representar como comunicador (MAGALI).

Magali também ressalta outros motivos que faz com que tenhamos menos vozes femininas nas rádios da cidade no radiojornalismo de Blumenau:

Sinto isso como mulher em minha profissão e sinto como cidadã, um certo paternalismo que recobre a voz das mulheres, como se alguém pudesse falar melhor por nós. O quanto de homens ocupa predominantemente a política catarinense (Estado que nunca elegeu, que eu saiba, uma mulher governadora ou vice-governadora de Estado), desde as Câmaras de Vereança Municipais até a Assembleia Legislativa, só reforça como não dar espaço às mulheres na

8 Entrevista concedida no dia 20 de novembro de 2017.

9 Entrevista concedida no dia 5 de novembro de 2017.

mídia, dificulta o acesso às representatividades do poder político. (MAGALI).

4. MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL

A partir do Século XX aumentou a mão-de-obra de mulheres no mercado de trabalho, sobretudo nas últimas três décadas. Entre 1969 e 1972, passado o “milagre econômico”, época de crescimento econômico elevado durante o Regime Militar no Brasil, cresceu também a atuação feminina em áreas como construção, transportes coletivos e metalúrgicas (HIRATA, 1998), setores em que as mulheres dificilmente entravam, mas que hoje embora tenha um notável preconceito, elas estão conhecendo mais de perto.

Como já exploramos no capítulo acima, as mulheres também ampliaram seu acesso à educação formal, tendo seu grau de instrução elevado. Mas esses fatores não foram suficientes para que a mulher tivesse o reconhecimento igual ou maior do que o do homem. Lavinias (1997) identificou que, mesmo com uma escolaridade mais elevada, as mulheres recebiam salários menores que dos homens, o que agravava a desigualdade entre os gêneros. Nos anos 80 e 90 a mulher ocupava mais vagas no setor de serviços e indústria têxtil. A presença feminina predomina numa gama de atividades, mas o recebimento de salários mais baixos tem ligação com o início da industrialização no país.

Bruschini (2007) traça um panorama das mulheres brasileiras no mercado de trabalho no período de 1992 a 2005 e conclui que nesse período analisado foram mantidas as tendências apresentadas nas últimas décadas do século XX, ou seja, as mulheres continuam em algumas ocupações tradicionais femininas, como o comércio e a administração, área de Educação, Enfermagem, Nutrição e Serviço Social, enquanto os homens apareceram mais em cargos de chefia e com maiores salários. Segundo o site Brasil Debate (<http://brasildebate.com.br/mulher-mercado-de-trabalho-e-desigualdade/>), dados recentes do IBGE em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, usando dados do Censo de 2010, comparados aos de 2000, a participação das mulheres com idade ativa (16 anos ou mais) no mercado de trabalho cresceu de 50% (2000) para 55% (2010), enquanto a participação dos homens caiu de 80% para 76%. Essa diferença entre homens e mulheres mostra que uma quantidade expressiva de mulheres poderá ainda adentrar em novas áreas de trabalho no Brasil, até mesmo no rádio.

Helena Hirata (2004) pesquisadora das relações de gênero no trabalho, defende que se “o gênero pode ser definido como a construção social, cultural e histórica do masculino e do feminino, (...) também a incompetência técnica das mulheres é o resultado de uma construção social” (p. 148). Ao se aprofundar na realidade de empresas da França e do Brasil, Hirata faz uma afirmação importante ao dizer que mesmo quando as mulheres têm o nível de instrução superior, elas continuam sendo consideradas menos competentes do que os homens:

com relação à questão da empregabilidade, se definida como a possibilidade de sair do desemprego e de ingresso no coeficiente dos empregados ou, mais precisamente, se definíssemos empregabilidade como a probabilidade de saída do desemprego ou a capacidade de obter um emprego, poderíamos dizer que as mulheres não são competentes. Elas são menos competentes do que os homens, porque têm mais dificuldade de sair de uma situação de desemprego, têm mais possibilidade de entrar num emprego precário (2004, p. 147).

O último Censo do IBGE mostrou também que nos dias atuais as mulheres estudam mais e têm maior nível de instrução, porém, possuem formação em áreas que pagam menores salários e ocupam postos de trabalho com menor remuneração. Dados importantes a título de comparação se fazem necessários ressaltar. Ao perceber neste trabalho a problemática de que a mulher deveria ter maior participação no radiojornalismo de Blumenau, os dados do Censo de 2010 nos mostram que realmente devemos analisar o cenário ao apontar que temos na área de Informação e Comunicação 1.231 mulheres atuando, enquanto a quantidade de homens é mais do que o dobro desse número, correspondendo a exatos 3.124 homens trabalhando no segmento. Os homens dominam também em Blumenau áreas como Administração Pública, Defesa e Seguridade Social, Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura, Água e Esgoto (atividades de gestão de resíduos e descontaminação), Alojamento e Alimentação, Artes, Esporte, Cultura e Recreação, Área administrativa, Imobiliário e Construção, os homens continuam liderando. O público feminino só tem destaque nas áreas de Saúde e Serviços Sociais, Serviços Domésticos, Alojamento e Alimentação e, ainda, Educação as mulheres dominam os postos

5. O DESAFIO CONTINUA

Magali Moser, jornalista, ex-radialista e doutoranda em Jornalismo pela UFSC, relembra sua atuação na Rádio CBN de Blumenau entre 2001 e 2005 e revela que na época a equipe de jornalismo embora fosse composta por homens e mulheres, os cargos considerados de chefia e portanto com mais visibilidade e com maior remuneração eram dos homens. Ela trabalhou com Denise Bichling que permanece na emissora até hoje, e com os jornalistas Celso Ferreira, falecido em 2015, e Walter Westphal. Ela ressalta que mesmo sabendo que os dois âncoras eram mais experientes, “a estrutura organizada dava a entender que os homens tinham uma posição, a da fala, ao microfone; enquanto às mulheres era permitida apenas a invisibilidade da produção”.

Mudanças nesse quadro só ocorreram depois que o comunicador âncora das manhãs da CBN veio a falecer. Dessa forma Denise Bichling passou a assumir a posição de âncora. De acordo com Magali, também poderíamos questionar por que só agora, para substituir um homem, uma mulher assume a condução do programa? “Esse processo é também resultado das mobilizações e pressões atuais dos movimentos e da luta feminista, que têm trazido as discussões sobre a condição da mulher para o centro dos debates. As mulheres fizeram muitas conquistas, mas ainda têm muitas

pela frente”. É verdade que nas sociedades ocidentais a condição das mulheres melhorou com o passar do tempo, mas ainda nota-se que homens e mulheres, apesar das conquistas femininas, não possuem o mesmo espaço na sociedade.

Carlos Alberto Ross, Diretor Presidente da Rede Fronteira de Comunicação (RFC), dono da Rádio CBN Vale do Itajaí, emissora que historicamente contrata mulheres para várias funções, inclusive no jornalismo, destaca que a mulher não é inferior em nada ao homem. Segundo ele, já faz trinta anos que ele trabalha com mulheres e faz isso porque considera as mulheres mais preocupadas com seu trabalho, mais aprimoradas, até porque a mulher vem preparada na própria essência da vida para fazer várias coisas ao mesmo tempo. Ela cuida da criança, da casa, ela é repórter, ela é locutora. O marido chega em casa senta no sofá e vai ver televisão, já a mulher chega em casa depois do trabalho e vai continuar trabalhando. O diretor acrescenta que considera a persistência e a organização dela muito importantes e o famoso “jeitinho feminino” faz toda a diferença no ambiente de trabalho.

6. A MULHER NÃO OCUPA MAIS ESPAÇO NO RADIOJORNALISMO POIS SOFRE ALGUM TIPO DE PRECONCEITO?

Blumenau possui atualmente treze emissoras de rádio, entretanto, para poder avaliar com propriedade a realidade local da atuação da mulher no radiojornalismo, optou-se por focar nas principais emissoras AM e FM, que possuem radiojornais na sua programação: Rádio Clube de Blumenau AM, Rádio Nereu Ramos AM, Rádio CBN Vale do Itajaí FM, Massa FM e Menina FM. Exclui-se portanto, as vozes femininas focadas no entretenimento. Segundo André Barbosa Filho,

o radiojornal “congrega e produz outros formatos jornalísticos, como as notas, notícias, reportagens, entrevistas, comentários e crônicas”. Um radiojornal tem como característica a periodicidade diária, mantendo a regularidade nos horários de início e término de suas transmissões, garantindo a credibilidade necessária do público no que diz respeito aos conteúdos transmitidos. Barbosa Filho, p. 100).

Levando em consideração que a autora desta pesquisa atua no jornalismo de emissoras de rádio em Blumenau há seis anos, surgiu o interesse de identificar quais foram as mulheres que marcaram a história do radiojornalismo da cidade, e saber porque hoje a prevalência de homens é notadamente maior do que a de mulheres nessa área de atuação. As mulheres estariam sofrendo algum tipo de preconceito? E se não for esse o problema, qual fator estaria influenciando a mulher a ter uma menor participação no radiojornalismo blumenaense? Durante a análise, foram levantadas opiniões das mulheres e homens que atualmente estão em atividade no radiojornalismo das principais emissoras da cidade, e ainda, colhidos depoimentos de outras pessoas que viveram a realidade do rádio em Blumenau.

Foram realizadas algumas perguntas para as mulheres que atuam nas rádios citadas anteriormente como principais da nossa pesquisa. Para elas foram feitas as

seguintes perguntas:

- Você sentiu dificuldade para ingressar no rádio em Blumenau?
- Considera o radiojornalismo blumenauense machista?
- Na sua opinião, por que temos menos mulheres atuando em jornalismo nas rádios da cidade?

As perguntas são fundamentais para entendermos o que tem acontecido no radiojornalismo de Blumenau e se podemos apontar alguma sugestão por meio dessa produção científica. Das cinco rádios pesquisadas, somente na Rádio CBN Vale do Itajaí e na Rádio Clube de Blumenau vemos mulheres no departamento de jornalismo. São elas: Denise Bichling, Laíde Braghirolli, Gislaine Delabeneta, e a autora do trabalho que atua no jornalismo da Clube há três anos. Denise Bichling, âncora na Rádio CBN Vale do Itajaí, formada em pedagogia, começou suas atividades na emissora há 20 anos, como produtora e nesses vinte anos diz ter trabalhado com várias mulheres entre elas, Aládia Fantini, Tamara Caroline e Cristiane Soeth. Denise que hoje assume também a coordenação de jornalismo diz não perceber nenhum preconceito ou diferenciação entre homens e mulheres, pelo contrário. Hoje na Rádio CBN, tem mais mulheres do que homens trabalhando na área de jornalismo. Ela diz se sentir valorizada no ambiente de trabalho. Já sua colega Laide Braghirolli, formada em Jornalismo, atua como produtora e repórter na Rádio CBN Vale do Itajaí, diz que sentiu dificuldade para ingressar no jornalismo não só em rádio mas em outras emissoras que atuou. Ao falar sobre a atuação de mulheres no radiojornalismo de Blumenau, ela afirma que mulheres jornalistas procuram menos rádio. Laide começou na rádio já no departamento de jornalismo e diz que atualmente não se sente tão valorizada, porque acreditar que o rádio poderia pagar melhores salários para as mulheres.

Ainda na CBN, atua na redação, a jovem Gislaine Delabeneta. Ela está cursando o último semestre de jornalismo, e diz que ingressou na faculdade querendo atuar em assessoria de imprensa e em rádio. Gislaine acrescenta que na faculdade percebia interesse de homens e mulheres por rádio. Sobre ter tido dificuldade para ingressar em rádio Gislaine acrescenta que não passou por dificuldade, pois foi contratada na Rádio CBN muito rapidamente. Em relação ao rádio ser machista, a futura jornalista diz que a mulher cada vez mais tem conquistado o seu espaço, inclusive na área de comunicação. Ela observa que nas outras rádios da cidade a maioria são homens sim, mas, onde atua as mulheres geralmente ganham espaço. Por esse motivo, acredita que o rádio já foi muito machista, porém, hoje este cenário tem mudado bastante. Um ponto importante a ser perguntado a essas profissionais é se elas se sentem valorizadas nas suas colocações profissionais, já que é um ponto sempre em debate na luta dos movimentos feministas quando levantam a bandeira da igualdade. Sobre esse aspecto, Gislaine diz que “A gente sempre acredita que pode ser mais valorizada, isso, em todos os sentidos da vida. Mas, de uma forma geral, me sinto valorizada pela empresa que trabalho”. Ela destacou que conquistou a liberdade e a confiança de seus superiores em seu trabalho, e que mesmo ainda estudando, tem autonomia de

produzir materiais e cobrir eventos da forma como considerar melhor. Só neste ano (2017) teve a oportunidade de entrevistar personalidades como Mírian Leitão, Dr. Drauzio Varella, os cantores Projota e Leo (Victor e Leo). Ela considera essa também uma forma de valorização, quando os superiores mostram que confiam no trabalho dos seus funcionários.

7. OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Foram realizadas também entrevistas com as mulheres que trabalharam no jornalismo das emissoras citadas como principais no trabalho. Foram localizadas para conceder entrevista: Kátia Regia (Clube e Nereu Ramos), Bruna Merine (Clube e Nereu Ramos), Danubia de Souza (Guararema FM/Massa), Valmira Siemann (Rádio Difusora Vale do Itajaí, Rádio Clube de Blumenau e Rádio Blumenau), Cristiane Soethe Zimmermann (Rádio CBN Vale do Itajaí) e Magali Moser (CBN Vale do Itajaí). Elas recordaram o tempo em que atuava no jornalismo das emissoras de rádio e responderam as mesmas perguntas citadas anteriormente. Para enriquecer ainda mais a pesquisa, Kátia Regina contou como começou no rádio em Blumenau. Foi enquanto ela ainda estudava Jornalismo na Univali e surgiu a oportunidade de substituir um profissional na Rádio Blumenau. Passada essa experiência ela deixou currículo em outras empresas, e foi quando depois de um tempo foi chamada por Edélcio Vieira que tinha comprado a Rádio Clube fazia pouco tempo. Ela começou também cobrindo férias do repórter, na época, Sidnei Almeida. Logo depois do estágio foi efetivada funcionária da rádio, onde atuou como repórter e apresentadora. Kátia na época estava cursando a faculdade e hoje é formada em Jornalismo. Ela reconhece que no ano de 2003 quando tentou iniciar em rádio não encontrou dificuldades pois se buscava mais vozes femininas, já que nas rádios era praticamente só atuação masculina no jornalismo. Ela conta que sobre o rádio ser machista, que hoje existe a igualdade de trabalho para homens e mulheres no rádio, mas que até uns 15 anos atrás era um meio dominado por eles. Entendia-se que notícias importantes como política e economia tinham que ser apresentadas por homens com a voz forte. Achava-se que este formato passava credibilidade. “Apenas assuntos de lar eram usadas vozes femininas”. Sobre termos menos mulheres do que homens na área, ela respondeu que “até uns 15 anos atrás acreditava que as mulheres procuravam menos trabalhar em rádio sim, mas as oportunidades se abriram culturalmente, a mulher começou ter poder de decisão, os veículos de comunicação da região enxergaram isso e começaram as contratações de mulheres cada vez mais”. Ela diz que o interesse das mulheres por esse mercado de trabalho também cresceu nos últimos anos.

Outra entrevistada foi Bruna Merini que atuou de 2008 a 2010 na Rádio Guararema FM, atual Massa FM e de 2010 a 2012 nas Rádios Nereu Ramos e Clube de Blumenau. Ela conta que começou como estagiária de jornalismo, com atividades simples como produzir notas de polícia e trânsito para o Jornal e site da emissora. Já nas Rádios Clube e Nereu, passou por toda rotina de radiojornalismo. Produção de matérias, gravação de sonoras, produção e apresentação de programas e programetes, entradas no ar de hora em hora com informações atualizadas, além da parte digital,

com atualização dos sites e redes sociais das emissoras.

Danubia de Souza, jornalista formada, também respondeu sobre sua atuação no radiojornalismo de Blumenau. Hoje ela atua somente no jornalismo da RIC TV Record, mas conta que atuou no Jornalismo da rádio Guararema FM, hoje Massa FM, de junho de 2016 à janeiro de 2017, foram sete meses de atuação na apresentação do jornal da emissora. Danubia confessa que sempre gostou mais de rádio do que TV. Segundo ela a logística da rádio é mais simples e isso facilita muito o trabalho. A rádio também permite maior interatividade e a impressão é que se consegue ajudar mais a comunidade. A jornalista também revelou que não sentiu dificuldade para conseguir emprego na rádio, pois foi convidada para trabalhar lá devido ao trabalho na TV. Ela acredita que todo o cenário da comunicação ainda é machista. A mulher, infelizmente, ainda está em segundo plano, em muitos lugares. Nas TVs geralmente elas apresentam acompanhadas de um homem.

Atendo-se ao contexto regional, o rádio é dominando por vozes masculinas (e que até pelo tom da voz, querem parecer masculinizantes). A participação feminina na programação jornalística das emissoras em nível nacional sempre foi restrita e tímida, mesmo no país que consagrou cantoras como Carmem Miranda, pelas ondas radiofônicas. Essa presença feminina no rádio costuma ser limitada (e toda luta que busque essa equiparação é bem-vinda). Curioso é que, exceto no caso de programas de temas considerados “não sérios”, com ênfase para futilidades e entretenimento chama-se mulheres para ali poderem falar, desde que, claro, fossem temas da “esfera doméstica”, digamos assim. Nas cidades de interior, inclusive em municípios vizinhos de Blumenau, isto ainda acontece: os programas *hard news*, ganham espaço nas manhãs, com homens na condução, enquanto às mulheres é reservada a programação considerada “menos importante”, à tarde, com destaque para novelas, horóscopo, receitas, dicas para donas de casa e/ou mães.

Valmira Siemann, considerada a primeira mulher que atuou com jornalismo em Blumenau diz que nunca sentiu preconceito pelo fato de ser mulher trabalhando no rádio.

Segundo ela, apesar do glamour da televisão, o rádio foi, é e sempre será o veículo de comunicação mais importante, pois ele sempre chega primeiro com a notícia, onde quer que o ouvinte esteja. “Eu sempre renderei tributos ao rádio, pois foi ali que iniciei minha carreira profissional, e cumprimento com muito respeito a todos quanto fazem do rádio sua missão de bem informar”!

Foram entrevistados também os proprietários das rádios citadas na pesquisa: Edelcio Vieira (Rádio Clube de Blumenau), Paulo Vieira (Rádio Nereu Ramos) e Carlos Alberto Ross (CBN Vale do Itajaí). Eles responderam se consideram ou não o radiojornalismo machista, e por que ainda temos menos mulheres atuando nesse segmento do que homens:

Os três entrevistados discordam que o radiojornalismo de Blumenau seja machista. O que pode analisar é que o homem acabou tendo uma outra forma de ingresso no rádio se comparado com a mulher em Blumenau. Enquanto a maioria dos jornalistas e radialistas começaram a trajetória no radiojornalismo ocupando outros

cargos dentro das emissoras, a mulher começou mais tarde até porque ela geralmente é oriunda da universidade. Muitas delas começam como estagiária de jornalismo, ou já estão formadas quando buscam uma oportunidade. Como em Blumenau o curso é recente, as mulheres começaram a ter maior visibilidade também recentemente. Segundo os empresários, a mulher é tão competente quanto o homem para atuar no radiojornalismo. Qualidades como organização, comprometimento e dedicação foram enfatizados nos depoimentos. Outro detalhe que merece atenção, segundo Edelcio Vieira, é que muitos radialistas atuantes no jornalismo começaram também por meio de transmissões de futebol.

8. VEÍCULO NÃO MACHISTA

Foram entrevistados também todos os homens que trabalham atualmente no jornalismo das rádios: Clube Blumenau, Nereu Ramos, CBN, Menina FM e Massa FM. Os entrevistados foram: Rodrigo Vieira, Marcos Roberto Jana, Belmiro Valério Avancini Filho, Alexandre José Piaz, João Paulo de Souza, José Carlos Goes, Paulo Cesar da Silva, Jotaan Sérgio Silva, Jorge Eliseu Theiss, Cristiano Cipriano dos Santos, Alexandre Pereira, Charles Espig, Vilmar Minozzo e Natanael de Oliveira.

Dos 14 entrevistados, 12 não consideram o rádio machista. Eles acham que a pouca atuação de mulheres no radiojornalismo de Blumenau se dá ao pouco interesse das próprias mulheres pelo meio, pois muitas preferem outros veículos como TV e assessoria de imprensa. Outra questão apontada por eles é que existem várias mulheres nas rádios blumenauenses, mostrando que o rádio e os padrões não são machistas nessa questão profissional. Outro ponto observado foi a falta de cursos mais antigos para formação de profissionais. As faculdades de jornalismo são recentes, o que pode fazer este quadro mudar no futuro.

Vale ressaltar a opinião dos radialistas homens que se posicionaram contrários:

João Paulo de Souza, repórter e produtor na Massa FM, iniciou em rádio no ano de 2010, diz acreditar que exista machismo no radiojornalismo sim. Um exemplo disso é que temos poucas mulheres sendo âncoras de radiojornais. E até mesmo em função de repórter. Segundo ele as emissoras ainda dão essas oportunidades para homens. Já Belmiro Avancini da Rádio Menina FM, conta que começou no ano de 1990 como operador. Ele acha que existe uma falta de mulheres no rádio em geral, e não somente no jornalismo. Segundo ele se ouvirmos a programação geral das rádios, vamos perceber que na maioria das emissoras existe somente uma mulher na locução, por exemplo. O restante são homens. E isso se reflete no radiojornalismo também. Ele confessa que nunca parou para pensar nisso como machismo. Ele acrescenta que o rádio de um modo geral precisa passar por uma nova transformação, e a mulher teria que ter mais participação nesse novo momento.

9. CONCLUSÃO

Por meio dessa análise em que foram coletados dados importante com pessoas que conhecem a realidade do rádio de Blumenau, foi possível observar alguns aspectos importantes para o trabalho. Diante das opiniões analisadas é possível observar que o radiojornalismo não é machista, mas sim que a mulher não tem tido tanto interesse pelo meio. Durante os relatos fica claro que tanto donos de emissoras de rádio, quanto radialistas e jornalistas homens enaltecem o papel da mulher na comunicação e elogiam a sua performance no radiojornalismo. Outros veículos de comunicação têm atraído mais a participação feminina, como a Televisão e Assessoria de Imprensa, meios em que a mulher jornalista tem tido localmente maior representatividade. A cultura do rádio que se apresentou por vários anos como sendo um veículo masculino talvez ainda gere na mulher uma certa insegurança, se será bem aceita e bem valorizada. Talvez seja o momento de percebermos como atrair mais mulheres para o rádio que é um veículo que tem uma importância relevante na sociedade, e que precisa ser melhor representado por mulheres no jornalismo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA FILHO, André. *Gêneros Radiofônicos – Os formatos e os programas em áudio*.
- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado?. In ARAÚJO, C.; PICANÇO, F.; SCALON, C. (orgs.). *Novas conciliações e antigas tensões?: gênero, família e trabalho em perspectiva comparada*. BAURUR, SP: EDUSC, 2007.
- _____. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, 2007.
- _____. *Desvendando o oculto: família e trabalho domiciliar em São Paulo*. In ABREU A. R. P: SORJ B. (orgs.). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.
- CARVALHO, Kalyne. No Dia Internacional da Mulher, SJSC presta homenagem à jornalista Elaine Borges, uma das primeiras sindicalizadas. Disponível em: Acesso em: 23 set. 2013.
- REIS, Clovis. **Propaganda no rádio: os formatos de anúncio**. Blumenau, Edifurb, 2008.
- GUIMARÃES, Ana Lúcia. Por que hoje no Brasil mais mulheres buscam o ensino superior? Trajetórias educacionais, família e casamento em questão. Tese (doutorado em Sociologia e Antropologia). IFCS/UFRJ. 2003.
- HABIB, Lia. *Jornalista: profissão mulher*. São Paulo, Sapienza Editora, 2005
- HIRATA, Helena. Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho. *Revista Educação & Tecnologia [on-line]*. Curitiba: Cefet-PR. Volume 6, nº 1, maio, 2004.
- _____. Visão comparativa sobre o trabalho feminino na França, Japão e no Brasil. In LIMA, M. E. et al (orgs.) *Transformando as relações trabalho e cidadania: produção, reprodução e sexualidade*. São Paulo: CUT/BR, 2007
- _____. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*. Ano 4. n.7. São Paulo, ALAST, 1998.

JUNG, Milton. *Jornalismo de rádio*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAVINAS, Lena. NICOL, Marcelo. *Atividade e vulnerabilidade: quais os arranjos familiares em risco?* Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, 2006.

LEMOS, Lis Carolinne; BANDEIRA, Denize Daudt. **Revista do Rádio: mulheres em evidência**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. OCKRENT, C. (org). *O Livro negro da condição das mulheres*. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. *Gênero e comunicação: o masculino e o feminino em programas populares de rádio*. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Tatiana Q. da F. *Relações de gênero no mercado de trabalho: em especial o papel da mulher em ocupações predominantemente masculinas*. Monografia (conclusão de graduação em Ciências Sociais). IFCH/UERJ. Abril de 2006.

TOMÉ, Michele. **Jogos de Poder: As estratégias de Comunicação de Mulheres e Homens no Rádio**. Curitiba, 2008, Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná.

THE CHALLENGE OF DECADES STILL CONTINUES: AN ANALYSIS ON THE FEMALE PERFORMANCE IN THE RADIOJOURNALISM OF BLUMENAU

Abstract

This article is interested in the local reality of radiojournalism, trying to understand the reason that has made women a minority in the main radio stations that have journalistic programming. It is observed that women are majority in other means of communication such as press and television advisory, but the radio journalism still shows predominantly males in Blumenau. Identifying this reality, it is necessary to verify if the women have been suffering some type of prejudice, or facing some impediment when trying to enter the radiojournalism. In order to carry out this analysis on local communication and women's performances, a study of case was conducted using the technique of in-depth interviews and documentary analysis. From this survey, the need to seek ways to attract more women journalists to the radio is emphasized, leaving this vehicle to be predominantly male as the history shows.

Keywords: Radiojournalism, Women, Blumenau, Communication

Recebido: 30 de janeiro de 2018.

Aprovado: 02 de maio de 2018.